

Humans of New York: um olhar sobre o humano, um olhar sobre os jovens¹

Maria Carolina Sanches de ARRUDA²
Benedito Diélcio MOREIRA³
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

O presente trabalho tem como intenção discutir e analisar como o jovem é retratado nas postagens do projeto fotográfico “Humans of New York”. O projeto consiste em retratar cidadãos da cidade de Nova Iorque em fotos, juntamente com os relatos e reflexões deles sobre as próprias vidas. De início, faremos uma reflexão sobre as noções epistemológicas de juventude, considerando a ideia de que os jovens são “sujeitos sociais” (DAYRELL, 2003, p. 42), donos de sua própria história, sem levarmos em conta, imagens pré-concebidas do jovem. A partir da página “Humans of New York” no Facebook, temos contato com jovens de diferentes meios da sociedade, a quem são dados voz para que falem de suas próprias vivências.

Palavras-chave: jovens; juventudes; narrativas; redes sociais; culturas urbanas.

Introdução

O intuito deste trabalho é compreender como o jovem vê a si mesmo, narra sua própria história, tomando como fonte de narrativas as postagens da página no Facebook “Humans of New York”⁴. O projeto Humans of New York nasceu em 2010 da ideia de um jovem, Brandon Stanton, de catalogar, por meio de fotos, os habitantes da cidade de Nova Iorque. Após alguns anos, Stanton começou a adicionar ao lado das fotos pequenas narrativas, diálogos e desabafos das pessoas. A ideia cresceu e hoje a página do projeto no Facebook já passa de 13 milhões de seguidores em todo o mundo. É sobre os humanos retratados e suas individualidades que vamos nos debruçar neste trabalho, especialmente sobre os jovens, que devem ser vistos na condição de “sujeitos sociais” (DAYRELL, 2003, p. 42) que constroem a própria história através de suas narrativas.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, UFMT-Cuiabá, email: carol_sanches_2@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Benedito Diélcio Moreira, do Curso de Comunicação Social da UFMT-Cuiabá, email: dielciomoreira@yahoo.com.br.

⁴ Blog: <http://www.humansofnewyork.com/> Facebook: <https://www.facebook.com/humansofnewyork>

Previamente à análise das narrativas, é necessário realizar uma reflexão sobre as noções de juventudes e de narrativas juvenis. Devemos ter em mente que, em nosso entendimento, este espaço da internet é um lugar de conscientização sobre o outro, levando em conta as suas individualidades e as relações construídas em seus meios sociais. Antes, porém, de discorremos sobre as definições e reflexões acerca da juventude, faremos uma breve reflexão sobre a metodologia utilizada neste trabalho e as implicações do recorte do caso a ser analisado. O estudo tem inspirações etnográficas (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 168), com o intuito de analisar pequenas narrativas de vida de jovens postadas nessa página do Facebook. Não se trata de uma pesquisa etnográfica propriamente dita, mas de um levantamento de narrativas de jovens para, com isso, contribuir com os estudos sobre educomunicação, juventudes, ciência e consumo midiático, desenvolvidos pelo grupo de “Estudos Comunicação, Infância e Juventude”, da Universidade Federal de Mato Grosso⁵.

Juventudes e narrativas

Para iniciar a discussão sobre as juventudes, devemos salientar que esse período de vida é expresso assim, no plural, considerando as implicações sócio-históricas e culturais de cada jovem, não sendo, portanto, possível entender o jovem como pertencente a um único grupo social, mas “ênfatisar a diversidade de modos de ser jovem existentes” (DAYRELL, 2003, p. 42). A juventude, em alguns estudos mais tradicionais, era apontada, como “grupo ou fase da vida potencialmente perigoso, violento, rebelde, emocionalmente fraco, ameaçador da ordem social” (MARTIN-BARBERO, apud PEREIRA; CAPOMACCIO, 2014, p. 4). Os autores discutem os estudos mais tradicionais porque esses trabalhos não enxergam o jovem em suas relações com a cultura e as mídias, especialmente a visão de juventude como uma condição de transição para a fase adulta. “Essa concepção está muito presente na escola: em nome do “vir a ser” do aluno, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem...” (DAYRELL, 2003, p. 41). Conforme discutem Toaldo e Jacks (2012), não há um consenso sobre o que é juventude, por isso as reflexões sobre os jovens devem considerar a totalidade de conexões, especificidades e particularidades, sociais, culturais e históricas, que envolvem os diferentes jovens em suas distintas juventudes.

⁵ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/956579756366373934441>

Dayrell (2003) afirma que o jovem é um “sujeito social”, um sujeito relacional que possui sua história e interpreta o mundo à sua forma, com suas singularidades. Esse mundo, nas últimas décadas, se transformou muito rapidamente, num processo de convergência de diversas novas mídias e inúmeras novas formas de interação social. “O paradigma da era digital é a inovação, de ideias, relacionamentos, tecnologias e tudo quanto é posto à sua frente” (MOREIRA; FICHTNER, 2015, p. 71). Diante deste novo paradigma, Moreira e Fichtner (2015, p. 75) descrevem o processo de “apropriação social” como sendo a forma de apreensão das novas tecnologias pelos jovens, como parte essencial de suas vidas cotidianas, ou a forma como os jovens integram as tecnologias na estrutura das “formas de viver como cultura”. Em outros termos, é o jovem atuando decisivamente na história: “Enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir” (PERALVA, 1997, p. 23). É neste contexto que entendemos as narrativas dos jovens do projeto “Humans of New York”.

Pereira e Capomaccio (2014) discutem as noções de narrativas a partir do trabalho sobre a hermenêutica de Paul Ricoeur. As autoras situam a hermenêutica como forma de interpretação aprofundada (arco hermenêutico), no qual Ricoeur leva em conta a estrutura do texto, avaliando um nível explicativo e semiológico, mas avançando para um segundo nível, no qual se busca uma interpretação compreensiva, que leva em conta referências para além da linguagem (PEREIRA; CAPOMACCIO, 2014). Elas entendem que as narrativas elucidam a experiência humana e permitem a compreensão de como o homem se comporta no mundo.

Desta forma, a narrativa é um meio de alcançar os sentidos, memórias e trajetórias construídas de si e do mundo nas falas, em que o sujeito social se deixa ser interpretado. A contribuição da hermenêutica de Paul Ricoeur para a interpretação das narrativas parte das noções de tempo e memória:

o tempo só se torna humano por meio da narrativa, permitindo a construção da memória (no seu jogo de lembranças e esquecimentos, aspectos voluntários e involuntários) e das identidades, dando sentido às trajetórias de vida dos sujeitos que, ao contarem suas vidas, num esforço de coesão e encadeamentos de fatos, constroem-se como sujeitos de sua própria história (PEREIRA; CAPOMACCIO, 2014, p. 3).

É a partir destas noções de juventudes e narrativas que, ao dar voz ao jovem na internet, devemos agora parar para tentar compreendê-lo. Pereira e Capomaccio (2014, p. 8)

consideram em sua pesquisa que a narrativa dos jovens construída com filmes, séries e demais produtos midiáticos possam falar sobre seus aspectos identitários. Em nosso trabalho, vamos analisar as narrativas dos jovens, tomando como base a imagem publicada e o que ele fala em si, o que ele constrói de si e o que isso pode nos dizer.

Humans of New York

O projeto “Humans of New York”, iniciado em 2010, tinha primeiramente a intenção de fazer um catálogo fotográfico dos diferentes habitantes da cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Brandon Stanton, idealizador e executor do trabalho, foi adicionando, ao longo do tempo, pequenas descrições e comentários dos próprios sujeitos fotografados, evoluindo então para o que vemos hoje diariamente: relatos profundos de vida, acontecimentos marcantes, aspirações, desabafos, tudo o que mostra o ser humano como ser social, infinitamente complexo, deixando transparecer suas intimidades. Isso faz com que todos os seguidores da página possam se identificar humanamente com cada relato ali postado.

O projeto, com quase 14 milhões de seguidores, já se tornou livro⁶ e outro está por vir, e irá contar mais detalhadamente algumas histórias de pessoas que apareceram na página. Além disso, pessoas em grandes cidades no mundo todo se espelharam no projeto de Brandon e criaram suas próprias páginas “Humans of”, seguindo o mesmo modelo da Humans of New York. Para tomarmos uma dimensão da importância e complexidade ao se tratar de sentimentos humanos, recentemente um garoto homossexual fez um desabafo⁷, que acabou tendo uma grande repercussão midiática mundial, por ter sido postado dias após um grande fato histórico nos Estados Unidos, que foi a legalização do casamento homossexual em todo país. A importância e repercussão desta postagem mereceram comentários da candidata à presidência americana, Hilary Clinton, e da apresentadora e comedianta Ellen DeGeneres, que é muito conhecida nos Estados Unidos pelo seu talk-show “The Ellen DeGeneres show”.

Com postagens de fotos diárias, a página tornou-se uma forma de registro antropológico, com curtas narrativas dos sujeitos, retratados de forma anônima. A riqueza e a principal virtude da página estão nos comentários postados, pois eles mostram a aparente

⁶ STANTON, Brandon. *Humans of New York*. Nova Iorque: St Martins Press, 2013.

⁷ Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/2015/07/06/garoto-gay-desabafo_n_7739410.html Acesso em: 23 jul. 2015.

facilidade com que as pessoas expõem para o idealizador do projeto seus medos, sonhos, alegrias, dificuldades, questões extremamente íntimas, que normalmente as pessoas não fariam para algum estranho na rua. Essa qualidade chama a atenção de milhares de pessoas que curtem, comentam e compartilham as postagens, mostrando dessa forma uma identificação com as situações narradas pelos sujeitos fotografados. Além disso, considera-se muito o fato de a Cidade de Nova Iorque ser uma das maiores metrópoles do mundo, para onde convergem pessoas de diferentes nacionalidades, culturas e estilos de vida, tornando a página um reflexo multicultural de seus habitantes.

Isso tudo faz da Humans of New York uma especial fonte de análise para diversos recortes de pesquisa empírica. Decidimos neste trabalho analisar os pequenos relatos de jovens e entender o que isso pode nos mostrar sobre os jovens dessa geração atual, chamada hoje de “nativos digitais”.

Narrativas juvenis no projeto fotográfico

As postagens analisadas foram publicadas na página do “Humans of New York” nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2015. As postagens⁸ foram selecionadas seguindo o critério de que os sujeitos retratados, de forma anônima, tenham uma idade aparente entre 14 e 24 anos. Utilizamos o termo aparente porque nas postagens não é revelada a idade do participante. Considerando, portanto, esta faixa etária, foram selecionadas 47 postagens.

Em diversas narrativas os jovens falam sobre a escola ou faculdade, refletindo a presença e a importância destas instituições em suas vidas. Em uma foto do dia dois de janeiro, um jovem sorridente pondera sobre seus estudos:

“Quando eu estava na faculdade, eu sentia como se eu tivesse toda essa criatividade e potencial, e eu sentia como se todos os trabalhos e projetos estivessem me impedindo de fazer o que eu realmente queria fazer. Agora eu estou percebendo que eles eram a coisa principal que me motiva a fazer meu trabalho”⁹.

Com base no pensamento de Bourdieu, Toaldo e Jacks (2012) apontam duas condições para considerar as diferentes juventudes: o jovem que trabalha e o jovem que estuda, sendo o que só trabalha aquele que geralmente não permaneceu na escola até o fim

⁸ As postagens utilizadas no trabalho tem tradução livre dos autores e terão suas versões literais nas notas.

⁹ “When I was in college, I felt like I had all of this creativity and potential, and I felt like all the papers and projects were holding me back from doing what I really wanted to do. Now I'm realizing that they were the main thing motivating me to do work.” Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/pb.102099916530784.-2207520000.1435985851./851746088232826>>. Acesso em: 23 jul. 2015

do estudo básico. Conforme a narrativa deste jovem, os estudos estimulam ideais e o direito de conquistá-los, agindo de forma inclusiva. Na narrativa, vemos que o estudo permitiu ao jovem ter habilidades que ele agora utiliza em seu emprego, proporcionando a sua inclusão no mercado de trabalho.

Um exemplo de que a escola incentiva a qualidade do ideal de pertencimento é o caso do jovem, que no mês de janeiro faz uma aparição um tanto quanto especial, que vai marcar a história da página. No dia 19 de janeiro o fotógrafo encontra um menino que fala das condições de violência no bairro em que ele vive, e que ele já não tem medos, pois já viu muita coisa acontecer ali. Esse menino é Vidal, um garoto que aparece falando das pessoas que o influenciam na vida. A pessoa da qual ele fala é a diretora de seu colégio, Sra. Lopez, que vai também posteriormente ser entrevistada pelo fotógrafo. Vidal narra:

“(…) Quando nos metemos em problemas, ela não nos suspende. Ela nos chama em seu escritório e nos explica como a sociedade foi construída em torno de nós. E ela nos fala que cada vez que alguém é expulso da escola, uma nova cela de cadeia é construída. E uma vez ela fez cada estudante se levantar, um por vez, e ela disse para cada um de nós que nós somos importantes”¹⁰.

Essa narrativa mostra claramente a importância da diretora na vida do aluno, que observando seu entorno, um bairro muito violento, onde muitos jovens vão para o crime, existe uma escola, em que muitas pessoas acreditam que a educação pode dar outras oportunidades para esses jovens.

Após alguns dias da publicação da narrativa de Vidal, Brandon Stanton conhece a Sra. Lopez e visita a escola em que ela trabalha. Deste encontro surge a ideia de arrecadar fundo por meio da internet para que os jovens possam sair do bairro em que vivem e visitarem a Universidade de Harvard. Em poucos dias o site de doações recebe mais de um milhão de dólares, o que propicia também a criação de cursos de verão para que os jovens não fiquem muito tempo longe da escola. A proposta educacional da diretora Lopez e o a campanha de doações fizeram tanto sucesso que eles foram convidados a visitar a Casa

¹⁰ "When we get in trouble, she doesn't suspend us. She calls us to her office and explains to us how society was built down around us. And she tells us that each time somebody fails out of school, a new jail cell gets built. And one time she made every student stand up, one at a time, and she told each one of us that we matter." Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/865948056812629>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

Branca e se encontraram com o Presidente Barack Obama¹¹. Vidal, cujo nome só sabemos por ter sido peça fundamental nesta campanha de doações, aparece ainda algumas vezes na página falando de seu sonho de ter um restaurante. Ele conta que cozinhou para os irmãos e que sabe cozinhar vários tipos de pratos, além disso, ele diz que sua maior realização foi conseguir visibilidade para a escola dele. Em outra postagem, o fotógrafo vai visitar o apartamento em que Vidal mora com sua família. O jovem conta que onde mora tudo é muito sujo e que ninguém tem um senso de cuidado. Ele diz se sentir vazio, ou triste. Uma parte da fala de Vidal exemplifica como um ser social pode ser afetado pelo meio em que vive. Trata-se também de uma fala que mostra a importância da família para o jovem, caso que se repete em outras postagens.

Você olha em volta e vê muitas coisas negativas, e você não consegue deixar de sentir como se você fosse parte de algo negativo, e que talvez, você seja alguma coisa negativa. Parte de mim quer ir embora. Mas parte de mim quer ficar, porque eu tenho muitos familiares nas redondezas e eu não quero morar longe deles”¹².

Muitos jovens, nos dois meses de observação, fizeram alguma menção aos pais, ou à família, como é o caso de uma menina: “No primeiro dia do curso de férias, minha mãe me falou para ir até o professor e dizer: ‘Meu nome é Lameisha. Eu estou aqui para aprender. E eu vou ser excelente nessa aula”¹³. Esta postagem deixa explícito o incentivo da mãe para que a menina se dedique aos estudos. Outras postagens¹⁴ mostram os conflitos de gerações, comuns nessa fase. Em algumas postagens os jovens falam de coisas que fazem ou que gostariam de ser, mas quando descobertos foram reprimidos ou não fazem por saber que seus pais não iriam gostar. Uma jovem, que já se mostra identificada com o mundo adulto, reflete sobre como ela vê os pais: “Eu percebo agora que meus pais são somente pessoas

¹¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/pb.102099916530784.-2207520000.1436752724./878725818868186>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

¹² “You look around and see a lot of negative things, and you can’t help but feel like you’re a part of something negative, and that maybe you’re something negative. Part of me wants to leave. But part of me wants to stay, because I have a lot of family nearby, and I don’t want to live far away from them.” Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/872032172870884>>. Acesso em 23 jul. 2015.

¹³ “On the first day of summer school, my mom told me to walk up to the teacher, and say: ‘My name is Lameisha. I’m here to learn. And I’m going to ace this class.’” Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/865024893571612>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/859189507488484>> e <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/860321814041920>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

normais com defeitos, e meu pai não é um vilão. Ele é só um idiota”¹⁵. Pode-se enxergar nessa fala um certo conflito entre a filha e o pai, o que pode ser fruto do “fosso geracional” (PERALVA, 1997, p. 20) que possa estar existindo entre eles.

Mead (apud PERALVA, 1997, p.20) afirma que a aceleração das transformações da nossa época evidencia a busca pelas identidades geracionais, alterando as relações entre elas, que como nós já observamos no começo, o jovem olha para o novo, fazendo com que os pais tenham que olhar para o futuro e não para seu próprio passado. Por outro lado, não podemos nos esquecer de que a consciência geracional depende dos fatores socioculturais em que cada sujeito vive. O jovem retratado no dia 13 de janeiro de 2015 mostra como as gerações podem se mesclar de forma que o jovem, para seguir seu sonho, tem que primeiro ajudar seus pais para então poder começar sua carreira. Ele diz:

“Eu quero ser um médico, mas eu não posso pagar a mensalidade no momento porque eu sustento meus pais no Egito. Mas em seis meses eu vou ter minha licença para trabalhar para um serviço automotivo, que deve me dar dinheiro suficiente para ir também para a faculdade”¹⁶.

Além de exemplificar uma relação de cuidado com os pais, o menino mostra a realidade dos imigrantes nos Estados Unidos, pois ele precisa esperar a licença para trabalhar num local onde vai ganhar mais e poder realizar seu sonho. O relato de uma jovem descendente de chineses mostra as dificuldades que ela encontra para seguir seus sonhos e, ao mesmo tempo, cumprir nos Estados Unidos as expectativas construídas no interior da cultura chinesa.

“Parece que a maioria das crianças nos Estados Unidos são encorajadas a perseguir seus sonhos. Mas meus pais são imigrantes. E na China, espera-se que a maioria das crianças escolha um caminho que vai ajudar a prover as necessidades de sua família. Eu gosto de música. Mas é difícil seguir pelo meu próprio caminho sem me sentir sem coração, ou distante.”¹⁷

¹⁵ "I realize now that my parents are just regular people with flaws, and my dad is not a villain. He's just an asshole." <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/864942523579849>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

¹⁶ "I want to be a doctor, but I can't pay tuition at the moment because I support my parents back in Egypt. But in six months, I will have my license to work for a car service, which should give me enough money to also go to school." : <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/860679487339486>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

¹⁷ "It seems that most children in America are encouraged to follow their dreams. But my parents are immigrants. And in China, most children are expected to choose a path that will help provide for the needs of their family. I enjoy music. But it's difficult to go my own way without feeling coldhearted, or estranged." Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/pb.102099916530784.-2207520000.1436752724./891852997555468>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

Este é um exemplo de narrativa entre as inúmeras de jovens que falam de seus anseios e de suas dificuldades pessoais, mostrando a necessidade do jovem de ter voz, de expor suas ideias. Um assunto recorrente nas narrativas dos jovens é a dificuldade que eles enfrentam por residirem em bairros onde a criminalidade é alta. Como no caso de Vidal, já apresentado, muitos protagonizam os relatos de suas angústias. Um jovem, no dia 5 de janeiro¹⁸, fala sobre as diferenças entre um bairro mais pobre e um bairro mais rico. Ele narra sua vivência em uma escola de um bairro, onde ele jogava basquete, em que todos o tratavam como rei, pois a escola foi para o campeonato estadual. O fato é que ele nunca quis contar a ninguém onde ele morava. Isso se dá pelo medo de contar aos colegas que ele vinha de um bairro violento. Na postagem seguinte, o mesmo rapaz conta que ele quer ser um policial, porém não conta para os vizinhos para que eles não o julguem, por causa do comportamento da polícia onde eles moram:

“[...] A polícia por aqui parece trabalhar sob a hipótese de que você é um criminoso. Pedem sua carteira de identidade em frente ao seu próprio prédio. Perguntam onde você está indo. Perguntam se você tem drogas. Você fala a verdade para eles, mas é mal interpretado, como se você estivesse tentando encobrir alguma coisa, e eles perguntam se podem te revistar. Quando eu fui para Riverdale, eu vi o quanto diferentemente a polícia agia lá. Se eles veem você andando, eles: ‘Ah. Ele é só uma criança da vizinhança’¹⁹.”

Muitos jovens falam sobre o que querem e o que não querem ser. Um jovem da escola onde Sra. Lopez é diretora conta que não quer ter uma ficha criminal, e que se ele tiver, que ele fará o possível para que o filho dele não cometa os mesmos erros que ele. O jovem diz que quem ensinou isso a ele foi seu pai²⁰. Esta postagem, de certa forma, reflete uma preocupação do próprio jovem com as possibilidades concretas de se tornar um criminoso como muitos outros de sua realidade. Isso pode nos mostrar como o contexto social pode influenciar as atitudes do jovem e mostra que esse jovem é consciente das ações negativas que podem intervir em sua vida.

¹⁸ Postagem disponível em:

<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/854428197964615> . Acesso em: 23 jul. 2015.

¹⁹“[...] The police around here seem to work under the assumption that you’re a criminal. You get asked for your ID in front of your own building. You get asked where you’re going. You get asked if you have drugs. You tell them the truth, but it gets misconstrued, like you’re trying to cover something up, and they ask if they can search you. When I went to school in Riverdale, I got to see how differently the police acted there. If they see you walking, it’s like: ‘Oh. He’s just a kid from the neighborhood.’” Disponível em:

<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/854532117954223> . Acesso em: 23 jul. 2015.

²⁰ Postagem disponível em:

<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/874199579320810> . Acesso em: 23 jul. 2015.

Outro jovem da mesma escola, fala de forma reflexiva sobre essa influência social. O fotógrafo pergunta para o garoto: “Qual a sua maior meta de vida?” e o jovem responde: “Eu quero poder sair desse bairro. Não tenho que ir muito longe. Mas se eu puder viver só um centímetro fora, aí eu irei me sentir seguro e saber que eu sou honesto”²¹.

Os jovens fazem desabafos de todos os tipos. Alguns falam sobre problemas com drogas na família, sobre a morte ou doença de entes queridos. Cada um tem sua história de vida. Alguns falam sobre as dificuldades em lidar com a frustração quando a carreira não está dando certo e sobre a difícil tarefa de escolher seu caminho na vida adulta. Uma jovem conta que seu pai era um zelador e sua mãe uma empregada doméstica que prometeram a ela dar tudo o que eles não tiveram, se ela tirasse boas notas. Porém, a menina tem dificuldades em encontrar algo que a interesse e satisfaça, então, agora, ela trabalha informalmente.²²

Além disso, a dificuldade de comunicação e interação é bastante relatada pelos jovens na página, mesmo porque, para muitos, expressar-se publicamente já é uma tarefa difícil. Um exemplo é a fala de um menino, que confessa: “Eu não sou um bom comunicador. Eu gasto muito tempo frustrado com o que eu acabei de dizer”²³

O momento em que encontramos a relação do jovem com a tecnologia é quando uma menina relata um caso de cyberbullying, que é a utilização da internet para agredir alguma pessoa. Ela relata: “Alguém fez uma conta no Instagram e disse: *Você é uma prostituta e você devia se matar*” E eu era a única pessoa que eles seguiam”²⁴ Para a jovem contar isso ao fotógrafo, muito provavelmente, é porque isso se tornou algo marcante na vida dela. Entretanto, não só de aflições e dificuldades falam os jovens. Muitos deles contam suas ambições e desejos, alguns falam das profissões ou negócios que almejam, outros falam das pequenas vitórias que alcançaram. Um garoto fala de forma descontraída

²¹ "What's your biggest goal in life?" "I want to make it out of the hood. I don't have to go that far. But if I can just live an inch outside, then I'll feel safe and know that I'm straight." Disponível em:

<<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/868658329874935>>.

Acesso em: 23 jul. 2015.

²² Disponível em:

<<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/857533780987390>>.

Acesso em: 23 jul. 2015.

²³ "I'm not the best communicator. I spend a lot of time disappointed by what I just said." Disponível em:

<<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/865868230153945>>.

Acesso em: 23 jul. 2015.

²⁴ "Someone made an Instagram account that said: 'You're a slut and you should kill yourself.' And I was the only person they followed." Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/pb.102099916530784.-2207520000.1436752724./889561031117998>>.

Acesso em: 23 jul. 2015.

sobre o sonho de ter a sua própria loja de skate, que teria um tatuador, incenso, cristais e um Buddha em algum lugar²⁵. Outra jovem, que carrega seu portfólio debaixo do braço, diz: “Eu quero ser a maior designer gráfico em Nova Iorque. Mas primeiro eu preciso descobrir como eu posso ter dinheiro suficiente para morar aqui”²⁶. As expectativas dessa jovem são grandes, mas ela sabe que precisará se esforçar muito e vencer algumas barreiras para realizar seus objetivos.

No dia 3 de janeiro uma jovem conta para a Humans of New York o quanto está orgulhosa de ter o seu próprio apartamento. Ela diz: “Eu economizei o suficiente para mudar para um pequeno apartamento. Eu tenho meu próprio lugar agora. É melhor que qualquer casa de adoção em que eu já vivi. Porque quando eu giro a chave na porta, é meu”²⁷. Essa jovem conta na próxima postagem que viveu por muitos anos em casas de adoção, e que já morou em muitas casas, mas nunca teve um relacionamento bom com nenhuma família. Ela conta que dos seus 12 irmãos, ela é a única que foi para a faculdade, que não tem filhos, e que isso foi possível graças às pessoas nas casas de adoção que não desistiam dela quando ela tentava se afastar²⁸.

Considerações Finais

Diante de todas essas infinitas conexões presentes em cada jovem, vemos que, de fato, as juventudes são muitas e que não é possível apontar definitivamente as características dos sujeitos nessa etapa da vida. Cada jovem deve ser visto em sua dimensão cultural e subjetiva, de forma que não é somente nas instituições tradicionais que os jovens se encontram. Hoje o jovem circula com muito mais facilidade e, dependendo do contexto social, ele tem acesso a muitas outras dimensões da sociedade que, por diversas vezes, não são levadas em conta. Desejos, afetos, formas de participação política, (PEREIRA; CAPOMACCIO, 2014, p. 5) são algumas das dimensões com as quais o jovem convive. Como pudemos ver, as narrativas apresentadas mostram o quanto o jovem está

²⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/pb.102099916530784.-2207520000.1436752724./893939104013524>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

²⁶ “I want to be the biggest graphic designer in New York. But first I’ve got to figure out how I can afford to live here.” Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/pb.102099916530784.-2207520000.1435985851./854831654590936>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

²⁷ “I saved up enough to move into a studio. I’ve got my own spot now. It’s better than any of the foster homes I’ve ever lived in. Because when I turn the key in that door, it’s mine.” Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/pb.102099916530784.-2207520000.1435985851./852575858149849>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

²⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/pb.102099916530784.-2207520000.1435985851./852587694815332/>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

comprometido com a sua história. O jovem enquanto “sujeito social” (DAYRELL, 2003) é considerado, aqui, como o sujeito que interpreta o mundo de acordo com suas subjetividades, que tem nas suas experiências as bases para a tomada de decisão. Em toda a análise observamos o jovem sob essa perspectiva.

O fenômeno da “apropriação social” (MOREIRA; FICHTNER, 2015, p. 7) das novas tecnologias, integradas na vida cotidiana dos jovens, acontece em diferentes graus, dependendo do contexto social. Fica claro, porém, nas narrativas que, apesar das novas ferramentas relacionais, alguns jovens ainda dão mais valor às relações offline, pois de todo um infinito de possibilidades do qual eles poderiam conversar, eles escolheram falar de pessoas ou ações que os envolvem fora do mundo online. Alguns falam do mundo online, mas o relacionamento online não exclui e não diminui os relacionamentos e experiências offline.

O trabalho de observação evidenciou a forma como os jovens narram a si mesmos. Narrativas que mostram o quanto eles sonham com mais oportunidade e menos violência. De fato, muitas observações feitas pelos jovens de Nova Iorque poderiam ter sido feitas por jovens brasileiros, por exemplo, onde muitos podem ter vivências parecidas, especialmente as relacionadas com a criminalidade. O que se percebe, é que ao analisar o jovem, sob uma perspectiva tradicional, escapam detalhes que podem não estar explícitos na avaliação de alguns contextos institucionais (família, escola, trabalho), mas que fazem toda a diferença no entendimento das juventudes.

REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez. O Jovem Como Sujeito Social. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, 2003. Ver: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>. Último acesso: 23 jul. 2015.

FRAGOSO, Suely.; RECUERO, Raquel.; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MOREIRA, Benedito Diélcio; FICHTNER, Bernd. Juventudes, tecnologias e consumo midiático: andanças virtuais revelam a constituição do novo. In: **Contemporanea – Revista de Comunicação e Cultura**, vol.13, n. 01, p. 67 – 83, 2015. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13122>>. Acesso em: jul. 2015.

PERALVA, Angelina Teixeira. O Jovem Como Modelo Cultural. In: PERALVA, Angelina Teixeira e SPOSITO, Marília Pontes (Orgs.). **Juventude e Contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, n. 5 e 6. ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, maio/dezembro de 1997. Disponível em: <http://anped.org.br/rbe/numeros_rbe/revbrased6_5.htm>. Acesso em: 23 jul. 2015.

PEREIRA, Simone Luci; CAPOMACCIO, Giovanna. Trajetos, temporalidades, relatos de vida: propostas para um debate sobre narrativas juvenis. In: **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, 2014**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1944-1.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

TOALDO, Mariângela M.; JACKS, Nilda. De que juventude estamos falando? In: **Seminário Internacional Brasil e Portugal: Jovens, Subjetividades e Novos Horizontes**. Rio de Janeiro – RJ, de 25 a 27 de Setembro de 2012.